

EPÍFITAS VASCULARES NO *CAMPUS* DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA, MINAS GERAIS, BRASIL

Samyra Gomes Furtado¹, Luiz Menini Neto^{2,3}

¹Acadêmica do Curso de Ciências Biológicas da Universidade Federal de Juiz de Fora

²Docente do Departamento de Botânica da Universidade Federal de Juiz de Fora

³Docente do Curso de Ciências Biológicas do Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora

Resumo

As epífitas constituem 10% da flora vascular mundial, realizam importantes relações mutualísticas com a fauna e são ainda usadas como bioindicadoras para o estado de conservação de ecossistemas. Este grupo tem grande relevância em florestas tropicais, como no Domínio Atlântico, onde está inserido o município de Juiz de Fora. O *campus* da Universidade Federal de Juiz de Fora apresenta áreas em estágio secundário de regeneração onde foi realizado o levantamento que listou 29 espécies, sendo 16 holoepífitas características, nove epífitas acidentais, uma facultativa e três espécies hemiepífitas. As famílias mais representativas foram Bromeliaceae com sete espécies e Polypodiaceae com seis.

Palavras-chave: Bromeliaceae, epifitismo, Floresta Atlântica, florística, Polypodiaceae.

Introdução

Epífitas são plantas autotróficas que passam toda ou parte de sua vida utilizando outra planta como suporte sem estarem conectadas com o solo (Benzing, 1990).

Apresentam cerca de 29 mil espécies distribuídas em 80 famílias, constituindo aproximadamente 10% da flora vascular mundial. Araceae, Bromeliaceae e Orchidaceae são as famílias mais representativas, sendo a última detentora de cerca de 70% das espécies (Gentry & Dodson, 1987).

Esta sinúsia tem importantes relações mutualísticas com a fauna, provendo desde alimentos, como néctar, frutos e pequenas presas, até abrigo e local para reprodução de diversos invertebrados, répteis e anfíbios e em troca as plantas recebem nutrientes dos excrementos e dejetos que são trazidos por estes animais, diminuindo, com isso, a dependência dos nutrientes atmosféricos (Benzing, 1990). As epífitas são ainda importantes bioindicadoras do estado de conservação dos ecossistemas, pois sua abundância varia de acordo com o substrato, umidade e sombra das diversas espécies arbóreas presentes no ambiente (Triana-Moreno et al., 2003). Assim, a preservação deste grupo se mostra relevante por sua importância na composição e riqueza de espécies nas florestas tropicais e nas relações ecológicas.

O município de Juiz de Fora está localizado na Zona da Mata Mineira, dentro dos limites da Floresta Estacional Semidecidual, incluída no Domínio Atlântico. O *campus* da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF) se situa onde havia uma antiga fazenda, o Sítio Martelos, propriedade do município até 1963, e posteriormente doado a Universidade. Ainda hoje há pequenos fragmentos florestais, em estágio secundário de sucessão na área do *campus*, e arredores (Almeida, 1997). A ocupação do solo mineiro para o cultivo do café, da cana-de-açúcar e para as pastagens afirma o estado degenerado dos remanescentes naturais dessa região (Meira-Neto et al., 1997), o que reforça a importância de levantamentos florísticos, responsáveis por subsidiar ações para conservação.

Assim, o presente estudo propõe o levantamento das espécies de epífitas vasculares do *campus* da UFJF, como contribuição ao conhecimento da flora de Minas Gerais e em especial das epífitas, cujos estudos são escassos no estado.

Material e Métodos

O levantamento teve início em março de 2012 com análise prévia do material depositado no herbário CESJ e a realização de coletas periódicas em pontos da UFJF (Instituto de Ciências Biológicas, proximidades do Lago dos Manacás, Faculdade de Educação Física e Desportos e mata próxima à sede do Centro Regional de Inovação e Transferência de Tecnologia) com o intuito de

localizar espécimes das plantas já coletadas e também de reconhecer possíveis novas ocorrências para o *campus*. As plantas encontradas foram identificadas com auxílio de literatura especializada e por comparação com plantas depositadas na coleção do Herbário CESJ.

Os exemplares foram fotografados, coletados e dados como hábito e local de coleta foram anotados e posteriormente depositados na coleção do herbário CESJ. A classificação das categorias ecológicas está de acordo com Benzing (1990).

Resultados e Discussão

As epífitas estão representadas no *campus* por 29 espécies, listadas na Tabela 1. As famílias mais representativas foram Bromeliaceae com sete espécies e Polypodiaceae com seis.

Tabela 1 – Listagem das epífitas vasculares registradas no *campus* da UFJF.

	Disp	CE	Material testemunho
Samambaias			
- Polypodiaceae – 7			
<i>Microgramma squamulosa</i> (Kaulf.) de la Sota	an	hlc	Furtado 15
<i>Pleopeltis astrolepis</i> (Liebm.) E.Fourn.	an	hlc	Furtado 13
<i>Pleopeltis hirsutissima</i> (Raddi) de la Sota	an	hlc	Furtado 14
<i>Pleopeltis pleopeltiifolia</i> (Raddi) Alston	an	hlc	Furtado 12
<i>Polypodium squalidum</i> Vell.	an	hlc	Novelino s.n. (CESJ 29795)
Polypodiaceae indeterminada	an	hlf	Furtado 83
Indet.1	an	hlc	Furtado 78
Angiospermas			
- Araceae – 3			
<i>Monstera deliciosa</i> Liebm.	zo	hem	Krieger s.n. (CESJ 18660)
<i>Philodendron bipinnatifidum</i> Schott ex Endl.	zo	hem	Krieger s.n. (CESJ18658a)
<i>Syngonium angustatum</i> Schott	zo	hem	Furtado 60
- Asteraceae – 2			
<i>Crepis japonica</i> (L.) Benth.	an	hla	Furtado 58
<i>Emilia sonchifolia</i> (L.) DC ex Wight	an	hla	Furtado 59
- Cactaceae – 1			
<i>Hylocereus setaceus</i> (Salm-Dyck) R. Bauer	zo	hlc	Brügger s.n. (CESJ 35809)
- Bromeliaceae – 7			
<i>Aechmea bambusoides</i> L.B.Sm. & Reitz	an	hlc	Furtado 76
<i>Billbergia zebrina</i> (Herb.) Lindl.	zo	hlc	Furtado 84
<i>Tillandsia geminiflora</i> Brongn.	an	hlc	Furtado 21
<i>Tillandsia recurvata</i> (L.) L.	an	hlc	Furtado 17
<i>Tillandsia stricta</i> Sol.	an	hlc	Furtado 82
<i>Tillandsia tricholepis</i> Baker	an	hlc	Furtado 16
<i>Vriesea</i> cf. <i>procera</i> L.B.Sm.	an	hlc	Furtado 81
- Orchidaceae – 2			
<i>Capanemia thereziae</i> Barb.Rodr.	an	hlc	Menini Neto 184
<i>Polystachya estrellensis</i> Rchb.f.	an	hlc	Furtado 57
- Phyllanthaceae – 1			
<i>Phyllanthus niruri</i> L.	-	hla	Furtado 61
- Poaceae – 4			
<i>Dichantherium sciurotoides</i> (Zuloaga & Morrone) Davidse	zo	hla	Furtado 20
<i>Paspalum</i> cf. <i>nutans</i> Lam.	zo	hla	Furtado 18
<i>Phyllostachys aurea</i> Carrière ex Rivière & C.Rivière	zo	hla	Furtado 62
<i>Setaria parviflora</i> (Poir.) Kerguélen	zo	hla	Furtado 56
- Solanaceae – 2			
<i>Solanum americanum</i> Mill.	zo	hla	Furtado 63
<i>Solanum</i> sp.	zo	hla	Furtado 77

Disp – forma de dispersão: an – anemocórica, zo – zoocórica. CE – Categoria ecológica: hem – hemiepífita, hla – holoepífita acidental, hlc – holoepífita característica, hlf – holoepífita facultativa.

Nove espécies não foram observadas com flores, de modo que não foram coletadas e não constam da listagem: *Catasetum* sp. (Orchidaceae), *Cecropia* sp. (Urticaceae), *Ficus* sp. (Moraceae), *Philodendron* sp1 e sp2 (Araceae), *Senna* cf. *macranthera* (DC. ex Collad.) H.S.Irwin

& Barneby (Fabaceae), *Solanum hexandrum* Vell. e *S. argenteum* Dunal (Solanaceae), além de uma Melastomataceae não identificada.

Anemocoria é a forma de dispersão mais comum, presente em 17 espécies, enquanto as outras 12 possuem a zoocoria como forma de dispersão corroborando outros inventários semelhantes (Kersten, 2010).

A categoria ecológica mais representativa foi holoepífita característica (16 spp.), seguida de holoepífita acidental (nove spp.), hemiepífita (três spp.) e holoepífita facultativa (uma sp.). Estes dados concordam em parte com o que tem sido observado na literatura (Kersten, 2010) onde holoepífitas características são as mais frequentes, sendo, no entanto, seguida pelas holoepífitas facultativas e/ou hemiepífitas. Deste modo, chama a atenção a grande representatividade das holoepífitas acidentais, com a presença de espécies de famílias sem adaptações à forma de vida epifítica, como Poaceae (incluindo o bambu *P. aurea*) e Solanaceae (ambas com quatro espécies), além de Asteraceae, Fabaceae e Phyllanthaceae, com uma espécie cada.

As mudanças ambientais causadas pela degradação, como o aumento da incidência de luz e a queda da umidade do ar além de ações antrópicas, causam um desequilíbrio diminuindo a riqueza de espécies holoepífitas características (Bataghin, 2008) o que permite um ambiente sem competição para as acidentais. A arquitetura do caule das plantas usadas na arborização do *campus* contribuiu para criar condições de umidade e nutrientes, devido ao acúmulo de matéria orgânica nas bifurcações basais dos indivíduos, sobretudo em “flamboyant” (*Delonix regia* (Bojer ex Hook.) Raf., Fabaceae), fornecendo um substrato semelhante às condições do solo, o que facilitou a adaptação de epífitas acidentais.

Referências bibliográficas

ALMEIDA, D. S. & SOUZA, A. L. 1997. Florística e estrutura de um fragmento de Floresta Atlântica, no município de Juiz de Fora, Minas Gerais. **Revista Árvore**, **21**(2): 221-230.

BATAGHIN, F. A.; FIORI, A. & TOPPA, R. H. 2008 Efeito de borda sobre epífitos vasculares em floresta ombrófila mista, Rio Grande do Sul, Brasil. **O Mundo da Saúde**, **32**(3): 329-338.

BENZING, D. H. 1990. **Vascular epiphytes: general biology and related biota**. Cambridge: Cambridge University Press. 354 p.

GENTRY, A. H. & DODSON C. H. 1987. Contribution of non trees to species richness of a tropical rain forest. **Biotropica**, **19**: 149-156.

KERSTEN, R. A. 2010. Epífitas vasculares – Histórico, participação taxonômica e aspectos relevantes, com ênfase na Mata Atlântica. **Hoehnea**, **37**(1): 9-38.

MEIRA-NETO, J. A.; SOUSA, A. L.; SILVA, A. F. & PAULA, A. 1997. Estrutura de uma floresta estacional semidecidual submontana em área diretamente afetada pela Usina Hidrelétrica de Pilar, Ponte Nova, Zona da Mata de Minas Gerais. **Revista Árvore**, **21**(3): 337-344.

TRIANA-MORENO, L. A.; GARZÓN-VENEGAS, N. J.; SÁNCHEZ-ZAMBRANO, J. & VARGAS, O. 2003. Epífitas vasculares como indicadores de regeneración en bosques intervenidos de la amazonía Colombiana. **Acta Biológica Colombiana**, **8**: 31-42.